

SÍNTESE INTEGRATIVA DOS ASPECTOS CENTRAIS DA PERSPECTIVA TEÓRICA DE SIDNEY BLATT SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE E SOBRE A PSICOPATOLOGIA

Rui C. Campos*

RESUMO

Neste trabalho apresentamos os aspectos centrais da conceptualização de Sidney Blatt sobre o desenvolvimento da personalidade normal e sobre o desenvolvimento da personalidade perturbada. Apresentamos de forma resumida e integrada vários aspectos: a integração das dimensões do relacionamento e da auto-definição num modelo de desenvolvimento e a reformulação proposta por Blatt ao modelo de Erikson, as características dos dois estilos de personalidade propostos por Blatt, analítico e introjectivo, o desenvolvimento e as perturbações das estruturas ou esquemas cognitivo-afectivos e ainda as características dos indivíduos com patologias da configuração analítica e da configuração introjectiva.

Palavras-chave: Síntese; Perspectiva teórica; Sidney Blatt; Desenvolvimento da personalidade; Psicopatologia.

1. A INTEGRAÇÃO DAS DIMENSÕES OU TAREFAS DE DESENVOLVIMENTO DO RELACIONAMENTO E DA AUTO-DEFINIÇÃO

Embora os teóricos do desenvolvimento tenham em conta nos seus modelos, numa certa medida, quer a dimensão do relacionamento, quer a dimensão da auto-definição, muitas das teorias de desenvolvimento enfatizam uma delas; a separação e a auto-definição ou a vinculação e o relacionamento interpessoal (Blatt &

Blass, 1992). As várias teorias do desenvolvimento psicológico variam no objectivo que consideram central para esse desenvolvimento: a vinculação ou a separação, a identidade ou o relacionamento, apesar de todas elas afirmarem que o indivíduo passa por experiências de relacionamento com figuras significativas e por experiências de separação (Blass & Blatt, 1992).

Algumas teorizações, no entanto, enfatizam a integração das duas dimensões como central para o desenvolvimento e para o bem estar psicológico. A separação e o relacionamento não são vistos como processos que se desenvolvem em paralelo, mas como dimensões interdependentes. Constituem ambas, objectivos básicos do desenvolvimento (Blatt & Blass, 1990, 1992).

O postular dos dois objectivos do desenvolvimento "num nível metapsicológico, dá significado aos desejos, razões, acções e sentimentos pessoais de cada indivíduo" (Blass & Blatt, 1996). O objectivo de atingir um sentido do *self* como separado e o objectivo de atingir uma vinculação de qualidade, podem explicar em grande parte os eventos relacionais e intrapsíquicos, determinando acções, sentimentos e pensamentos do sujeito.

Para Blatt (1990; Blatt & Shichman, 1983), o desenvolvimento da personalidade implica uma interacção complexa entre duas linhas ou processos fundamentais, ou mais especificamente entre as tarefas que delimitam essas linhas de desenvolvimento: o estabelecimento de relações interpessoais cada vez mais maduras, recíprocas, mutuamente satisfatórias, estáveis e duradouras, e o desenvolvimento de uma identidade ou auto-definição ou de um sentido do *self*, como consolidado diferenciado, realista, essencialmente positivo, estável e cada vez mais integrado.

* Psicólogo Clínico. Assistente da Universidade de Évora.

Segundo Blatt, os dois processos, individuação ou auto-definição e relacionamento, evoluem de uma forma interactiva, dialéctica, recíproca, balanceada e mutuamente facilitadora ao longo de todo o desenvolvimento. Assim, "O desenvolvimento harmonioso da personalidade envolve um ênfase igual e complementar na individualidade e no relacionamento, quer nos homens, quer nas mulheres" (Guisinger & Blatt, 1994), e vai para além da existência "de processos paralelos ou de uma simples interacção, mas antes envolve um processo dialéctico através do ciclo de vida em que o progresso em cada uma das linhas é essencial para o progresso da outra" (Blatt & Blass, 1992).

Dito de outro modo, Blatt (1991) afirma que um sentido do self cada vez mais diferenciado, integrado, maduro e sólido, facilita o estabelecimento de relações cada vez mais maduras, estáveis e mutuamente satisfatórias, sendo que por sua vez, o estabelecimento de relações interpessoais de qualidade possibilita o desenvolvimento de uma identidade ou auto-definição mais evoluída.

2. A REFORMULAÇÃO DO MODELO DE ERIKSON

Blatt & Blass (1990, 1992, 1996), na tentativa de proporcionarem uma compreensão mais precisa do desenvolvimento da personalidade introduziram algumas modificações no modelo de Erikson, de forma a que fosse reconhecido o papel do relacionamento no desenvolvimento da identidade e de forma a dar conta da interacção dialéctica entre as linhas do relacionamento e da auto-definição. A identidade "emerge através de uma dialéctica... entre o self... [percebido como] separado e o self experienciado na sua vinculação aos objectos" (Blatt & Blass, 1996).

Blatt salienta que as tarefas de vinculação são subvalorizadas na conceptualização psicossocial de Erikson, em parte devido à sua *esquematização linear* do desenvolvimento. O estabelecimento de uma identidade sólida é o objectivo central. A vinculação tem um papel secundário; é um *sub-produto facilitador*. As tarefas de vinculação são *elos intermédios* no processo que têm como fim a individuação. Relações in-

terpessoais maduras ocorrem como consequência do alcançar dessa mesma individuação.

Na tentativa de refinar o modelo de Erikson, Blatt acrescentou um novo estágio de cooperação/alienação entre os estádios de iniciativa/culpa e realização/inferioridade. A sequência linear de oito estádios de Erikson pôde então ser dividida em duas linhas paralelas de relacionamento/vinculação e de auto-definição/separação, que interagem de forma complexa. O primeiro estágio de confiança/desconfiança pertencerá à linha do relacionamento e o segundo e terceiros estádios, respectivamente autonomia/vergonha e iniciativa/culpa, à linha de auto-definição. O quarto estágio, cooperação/alienação, pertencerá à linha de relacionamento. O quinto e sexto estádios, respectivamente, realização/inferioridade e identidade/difusão da identidade, pertencerão à linha de auto-definição. O sétimo estágio, de intimidade/isolamento à linha de relacionamento, e finalmente os últimos dois estádios, de generatividade/estagnação e integridade/desespero passarão a pertencer à linha da auto-definição.

Apesar das duas linhas interagirem ao longo do ciclo de vida e serem totalmente integradas na parte final do desenvolvimento, permanecem relativamente independentes uma da outra nos primeiros anos. Na parte final do desenvolvimento, diferentes aspectos das duas linhas fundamentais, são totalmente integrados num *sistema de nós* ou num *sentido do self na relação*. A integração do conceito de *self* e do conceito de *outro* num conceito de *nós*, ocorre em primeiro lugar, de forma concreta e manifesta, com o surgimento do pensamento operatório e a resolução do conflito edipiano, concretizando-se de forma mais abstracta na adolescência, quando o adolescente começa a lidar "com propriedades psicológicas internas complexas do *self* e dos outros..." (Blatt & Blass, 1996). O surgimento do pensamento operatório formal, marca uma nova integração dos conceitos de *self* e de *outro*, da individualidade e do relacionamento.

O estágio de formação da identidade na adolescência, além de pertencer à linha de auto-definição, é também um estágio "integrativo e cumulativo... envolvendo uma síntese e integração [dos vários aspectos] da individualidade e do relacionamento" (Blatt & Blass, 1996), em

que "a capacidade de cooperar e partilhar com os outros é coordenada com um sentido de individualidade..." (Blatt, 1995). Além disso, "Os estádios de intimidade e generatividade... são [também] expressões da integração de níveis de desenvolvimento anteriores de individualidade e relacionamento... consolidados numa identidade madura – num "self na relação" (Blatt & Blass, 1996, p. 320), ou num *sentido pleno de nós*. Uma última e mais completa síntese do relacionamento e da auto-definição ocorre no estágio de integridade, considerado também como cumulativo e integrativo.

Por outro lado, Blatt afirma que os três componentes do desenvolvimento, a qualidade das relações, os modos expressivos do *self* e os sentimentos relativos ao *self*, são internalizados à medida que o indivíduo evolui para níveis mais complexos de desenvolvimento. Mas na adolescência, uma mudança importante ocorre ao nível do processo central no desenvolvimento; a integração tende a substituir a internalização. A formação da identidade na adolescência envolve a integração e consolidação das internalizações que emergiram nos períodos anteriores do desenvolvimento.

Pode dizer-se e, sumariando, que o desenvolvimento psicológico se pode definir como "um processo em que um indivíduo, através de relações próximas com [figuras]... significativas, internaliza aspectos da qualidade das relações, das capacidades funcionais vivenciadas nos modos expressivos do *self* e atitudes e sentimentos conscientes e inconscientes acerca das várias expressões do *self*, que existem nos relacionamentos... nos vários estádios do desenvolvimento.... A consolidação e integração destas internalizações em cada fase do desenvolvimento proporciona a base para a progressão para a fase seguinte do desenvolvimento" (Blatt & Blass, 1996).

3. DOIS ESTILOS DE PERSONALIDADE: ANACLÍTICO E INTROJECTIVO

Apesar de a normalidade poder ser hipoteticamente definida como uma integração entre o relacionamento e a auto-definição, dentro dos

limites dessa normalidade os indivíduos podem colocar um ênfase maior num dos dois processos do desenvolvimento, definindo-se assim duas configurações básicas de personalidade, anaclítica e introjectiva, respectivamente, consoante o ênfase é posto na linha do relacionamento ou da individualidade. Como afirma Blatt (1990; 1995; Blatt, Cornell & Eshkol, 1993; Blatt & Shichman, 1983) estas duas configurações de personalidade apresentam modos particulares de cognição, diferentes estilos de relação e diferentes mecanismos defensivos.

Os indivíduos que colocam um ênfase mais marcado no relacionamento interpessoal (anaclíticos) são normalmente mais figurativos no seu pensamento, focando-se sobretudo em afectos e imagens visuais. Preferem a síntese e integração num todo dos vários elementos, em vez de uma análise crítica dos detalhes, em separado. Procuram a harmonia e a síntese. São fundamentalmente dependentes de campo, sendo bastante influenciados pelos elementos do ambiente. O seu pensamento é muito mais intuitivo e determinado por sentimentos, do que por factos e detalhes. Procuram a harmonia, a satisfação, a confiança, a e o bem estar nas relações interpessoais. O seu modo instintivo principal é libidinal. Valorizam o estabelecimento de relações próximas e íntimas. Preocupam-se em dar e receber afecto num contexto de segurança e cooperação. A configuração anaclítica da personalidade é sobretudo orientada para o objecto.

Por outro lado, nos indivíduos que colocam um ênfase mais marcado na auto-definição (introjectivos), o pensamento tende a ser muito mais literal, sequencial e crítico. A acção, o comportamento manifesto, a lógica, a consistência e a causalidade são preferidos em detrimento das relações e dos sentimentos. O ênfase é na análise, e não na síntese, na exploração crítica dos detalhes e das partes. Estes indivíduos tendem a ser independentes de campo. O seu objectivo primeiro é a assertividade e o prestígio, bem como o controle e o poder, mas não o relacionamento. O seu modo instintivo principal envolve a agressividade e a assertividade ao serviço da auto-definição e não a intimidade e a ligação. As preocupações com a auto-definição dominam todas as suas relações interpessoais. O desejo bá-

sico é ser reconhecido, respeitado e admirado. Podem apresentar tendência para o isolamento social e para serem excessivamente críticos em relação a si próprios e aos outros.

As duas configurações básicas de personalidade associam-se também a diferentes tipos de mecanismos de defesa. Os indivíduos que privilegiam o estabelecimento de relações interpessoais com uma relativa negligência da auto-definição (estilo anaclítico) usam sobretudo mecanismos defensivos de tipo evitante, enquanto os indivíduos que investem mais na auto-definição (estilo introjectivo) usam sobretudo mecanismos defensivos neutralizantes.

Como afirma Blatt (1990), quer os mecanismos defensivos evitantes (negação e repressão, por exemplo), quer os neutralizantes (projectão, intelectualização, formação reactiva e sobrecompensação, por exemplo) tentam manter os aspectos psíquicos dolorosos fora da consciência, fazendo-o, no entanto, de forma diferente. Os primeiros evitam que o indivíduo reconheça a existência de questões conflituais. Os segundos transformam os conflitos, de forma a que estes se possam expressar, mas de forma disfarçada. Não evitam o conflito, transformam a questão conflitual numa forma alternativa aceitável.

No desenvolvimento normal, o sujeito é capaz de fazer uma síntese integrativa de mecanismos defensivos evoluídos dos dois tipos, utilizando, por exemplo, a sublimação, que pode ser considerada como uma integração do deslocamento e da repressão (evitantes) e da sobrecompensação (neutralizantes).

Por vezes, um acumular de experiências traumáticas, em associação com predisposições biológicas pode afectar o normal e complexo processo dialéctico entre as duas linhas de desenvolvimento. Dependendo de uma panóplia de factores, entre os quais as predisposições biológicas, os factores culturais, os padrões familiares, e o próprio sexo, o indivíduo tentará lidar com as perturbações no desenvolvimento de forma compensatória, exagerando distorcidamente o ênfase numa das linhas de desenvolvimento em detrimento da outra, ou seja preocupando-se ou enfatizando excessivamente questões relacionais ou de definição do *self*. Estes desvios

podem ocorrer em vários níveis do desenvolvimento (e. g. Blatt, 1991).

Em resultado de desvios moderados em relação ao processo normal, o indivíduo assume uma de duas possíveis *trajectórias*, desenvolvendo um estilo de carácter particular (anaclítico ou introjectivo), mas nos extremos, um ênfase excessivo numa das linhas de desenvolvimento, em detrimento da outra, definirá uma de duas configurações psicopatológicas (Blatt & Shichman, 1983).

As diferentes formas de psicopatologia podem ser vistas como uma centração excessiva nas tarefas de uma das linhas, anaclítica ou introjectiva e pelo evitamento defensivo das tarefas da outra. Os sintomas psicopatológicos são considerados por Blatt (1991), manobras ou tentativas compensatórias e distorções do desenvolvimento normal.

Se o processo normal de desenvolvimento for perturbado numa determinada fase, sem que condições posteriores possam minorar essa perturbação, as dificuldades experienciadas vão repetir-se, consolidando-se como modos distorcidos de adaptação. Quanto mais cedo no desenvolvimento as perturbações ocorrerem e quanto mais acentuadas as distorções em relação ao curso normal desse desenvolvimento, mais grave será a patologia (Blatt, 1990).

As relações da criança com as figuras significativas podem ter um impacto nocivo no desenvolvimento e favorecerem a ocorrência de psicopatologia, mas certas relações posteriores podem minimizar ou eliminar a vulnerabilidade inicial, compensando as rupturas anteriores.

4. AS ESTRUTURAS OU ESQUEMAS COGNITIVO-AFFECTIVOS

As manifestações sintomáticas das várias patologias, desde a esquizofrenia às neuroses, resultam em grande parte, segundo Blatt (1991, 1995), de diferentes tipos de perturbações nas estruturas ou esquemas cognitivo-affectivos, estabelecidos nas relações significativas ao longo do desenvolvimento. Estas estruturas psicológicas, são modos de organização e processamento da informação, nomeadamente de afectos, gui-

ando e dirigindo o comportamento quer na esfera interpessoal, quer noutros domínios.

Blatt (1991, 1995; Blatt & Lerner, 1983) descreve o processo de desenvolvimento dos esquemas cognitivo-afectivos e as perturbações que nele podem ocorrer. Os esquemas vão-se desenvolvendo à medida que ocorre a maturação psicológica do indivíduo e que este vai vivenciando exigências de diversos tipos. Quando estas exigências são adequadas à idade, a criança é capaz de alterar os seus esquemas de forma a acomodar a nova experiência, mas quando as exigências são persistentes e ultrapassam a capacidade de acomodação da criança, pode verificar-se uma perturbação no desenvolvimento dessas estruturas cognitivo-afectivas.

Interações afectivas consistentes e positivas entre a criança e os outros significativos resultam em *modelos internos* integrados e diferenciados em que os atributos da relação se consolidam. Novas experiências são integradas nestes modelos, resultando em avanços para novos esquemas. Através das repetidas interações com as figuras de vinculação, a criança constrói uma concepção do comportamento dessas figuras, bem como uma concepção do *self* na relação e ainda, expectativas sobre o que são as relações interpessoais. Estes *modelos internos*, organizam e determinam o desenvolvimento da personalidade.

As representações mentais têm componentes conscientes e inconscientes, que servem como guias, organizando e dirigindo o comportamento individual, particularmente nas relações interpessoais.

Tendo por base uma integração de conceitos das teorias cognitivas, das teorias psicanalíticas do desenvolvimento e da teoria da vinculação, Blatt especifica vários *pontos nodais* no desenvolvimento dos esquemas cognitivo-afectivos. Perturbações nesses pontos associam-se com diferentes tipos de psicopatologia.

O primeiro nível de esquema cognitivo-afectivo pode ser designado como *constância dos limites*. Por volta dos seis, oito meses a criança desenvolve um esquema denominado *constância libidinal*. Esta *constância libidinal* é imperativa para o desenvolvimento, uma vez que permite uma vinculação segura. Por volta dos 16, 18 meses um terceiro esquema cognitivo emerge, deno-

minado *constância evocativa*. Os padrões de vinculação segura e insegura, tornam-se evidentes por volta da emergência deste esquema. Por volta dos três anos, verifica-se a emergência da *constância do self e do objecto*. Os conceitos de *self* e de outro desenvolvem-se a partir dessa altura, numa *interacção recíproca ou dialéctica*, tornando-se a criança cada vez mais capaz de diferenciar o *self* dos outros. Por volta dos seis anos, a criança adquire aquilo que Piaget designou *pensamento operatório concreto* que é, em termos cognitivos, essencialmente o mesmo, que é, em termos psicanalíticos, o estabelecimento de estruturas triádicas, como resultado da internalização do complexo de Édipo. A criança torna-se capaz de compreender o seu papel no sistema familiar e não apenas a relação que estabelece com cada um dos pais separadamente. O esquema do *pensamento operatório* é expresso em primeiro lugar de forma manifesta e concreta, começando a expressar-se de forma mais abstracta no início da adolescência, por volta dos 11, 12 anos, com o surgimento do *pensamento operatório formal* (Blatt, 1991). Além do pensamento operatório formal, emergem ainda mais dois esquemas, a *identidade pessoal* na adolescência e a *integridade* na adultícia.

5. PERTURBAÇÕES NAS ESTRUTURAS COGNITIVO-AFECTIVAS

As perturbações nos esquemas cognitivos não são imutáveis, podendo ser alteradas por acontecimentos posteriores. Mas, mais frequentemente, as primeiras estruturas cognitivo-afectivas estabelecidas condicionam trajectórias de desenvolvimento básicas que se tornam inalteráveis e que se consolidam pelas experiências posteriores, dado que os indivíduos tendem a procurar experiências consonantes com as suas próprias expectativas e a interpretar os acontecimentos de acordo com os esquemas pré-existent. A possibilidade de influência positiva e reparadora do meio torna-se menor, à medida que o desenvolvimento se vai consolidando numa trajectória particular, que uma vez estabelecida, tende a manter a sua direcção.

Distúrbios na *constância dos limites* associam-se a patologias psicóticas e perturbações na *cons-*

tância evocativa associam-se à organização *border-line* (Blatt, 1991). Depois da consolidação da constância evocativa, a evolução do conceito de *self* e do conceito de *outro* ocorre de forma inter-relacionada, sendo expressão das duas linhas fundamentais do desenvolvimento. O processo de desenvolvimento dialéctico dos conceitos de *self* e de *relação com o outro* pode ser conceptualizado e ilustrado pela reformulação do modelo de Erikson apresentada.

6. AS DUAS CONFIGURAÇÕES PSICOPATOLÓGICAS

Segundo Blatt (1991), as perturbações da esfera neurótica podem ser conceptualizadas como uma dificuldade em estabelecer uma constância do *self* ou, por outro lado, uma constância do objecto, pelo que podem definir-se duas grandes configurações dentro da psicopatologia neurótica: anaclítica e introjectiva.

Em resultado de perturbação no processo normal de desenvolvimento, "alguns indivíduos, maioritariamente as mulheres, tornam-se excessivamente preocupados com o relacionamento, em detrimento do desenvolvimento do conceito do *self*" (Blatt & Blass, 1992)

Os homens lidam mais frequentemente com as perturbações no processo dialéctico de desenvolvimento, "exagerando as tentativas de consolidar um sentido do *self*" em detrimento do estabelecimento de relações (Blatt & Blass, 1992).

Blatt e Schichman (1983) apresentam em detalhe as características de ambas as configurações psicopatológicas. As psicopatologias anaclíticas são tentativas exageradas e distorcidas de manter relações interpessoais satisfatórias, e as introjectivas, de estabelecer um conceito efectivo do *self*. Nas primeiras, o sentido do *self* é negligenciado, definido em função da qualidade das relações. Nas segundas, o desenvolvimento das relações interpessoais é comprometido, sendo as relações vividas e interpretadas fundamentalmente em função da auto-definição.

Há uma grande semelhança relativamente aos aspectos estruturais, dinâmicos e experienciais, mas em cada uma dessas configurações, exis-

tem vários níveis de estruturação, desde as tentativas mais primitivas às mais integradas de estabelecer relações interpessoais significativas ou um sentido do *self* consolidado. Cada uma das patologias dentro de uma configuração define um nível de desenvolvimento particular, diferenciando das outras patologias, nos mecanismos defensivos e adaptativos, no nível de funcionamento do ego, na qualidade das relações interpessoais e na natureza das representações objectais. Os vários níveis de psicopatologia dentro de cada uma das configurações e as relações dinâmicas entre essas patologias definem linhas ao longo das quais os pacientes podem regredir ou progredir. Cada forma de patologia contém um potencial de progressão ou regressão e representa uma perturbação numa determinada fase do desenvolvimento (Blatt & Shichman, 1983; Blatt, 1990, Blatt & Blass, 1992, 1996).

7. AS PSICOPATOLOGIAS DA CONFIGURAÇÃO ANACLÍTICA

As psicopatologias da configuração anaclítica, a personalidade infantil ou a depressão de dependência, e num nível mais evoluído, a histeria, partilham uma preocupação básica com questões como a ligação, a proximidade e o relacionamento. O desejo básico é o de querer ser amado. Há mais capacidade de ligação e de desenvolvimento de relações interpessoais do que na configuração introjectiva. Os sintomas nesta configuração são expressões da tentativa de compensar perturbações nas relações interpessoais. Através da passividade e da compreensão, o indivíduo procura agradar ao outro. As duas patologias podem ocorrer em *formas puras*, mas devem ser consideradas como estando interrelacionadas, constituindo *pontos-chave* no contínuo da configuração anaclítica. Apesar de muitos pacientes se encontrarem sobretudo no nível infantil e de outros no nível histérico, muitos deles deslocam-se no contínuo de desenvolvimento, apresentando um misto de sintomas ou características infantis e histéricas (Blatt, 1990, 1991, 1995; Blatt & Schichman, 1983).

Existem dois *pontos nodais* para a ocorrência de patologia na linha anaclítica: na relação pri-

mária com a figura materna ou substituto, ou na estrutura mais evoluída do complexo de Édipo. A patologia pode ser o resultado de uma perturbação em apenas um nível (oral ou edipiano) ou de uma perturbação ao longo do *espectro da configuração*. Perturbações num nível de relacionamento interpessoal mais primário encontram-se sobretudo em pacientes com caracteres infantis ou depressões anaclíticas, enquanto perturbações num nível relacional mais evoluído do complexo de Édipo, aparecem sobretudo em pacientes histéricos. Os indivíduos com uma personalidade infantil são normalmente mais exigentes com os outros e sentem-se mais desamparados do que os histéricos, embora ambos desejem fortemente ser amados. Os histéricos são mais sedutores, sendo as suas relações, muitas vezes, erotizadas. Apesar da semelhança no estilo defensivo, ou seja, a utilização de mecanismos defensivos de tipo evitante em ambos os níveis, a negação predomina no nível oral, numa tentativa de defesa contra sentimentos de raiva intensos resultantes da privação e frustração, enquanto a repressão predomina nos níveis mais evoluídos desta configuração, evitando que o indivíduo consciencialize desejos eróticos intensos e a necessidade de rivalizar e competir.

De forma a dar conta do tom eminentemente disfórico associado à presença de sentimentos de não ser amado e de se sentir abandonado, Blatt (1974) conceptualizou a personalidade infantil como depressão anaclítica. O indivíduo com uma personalidade infantil está sobretudo centrado na relação dual com a figura materna, e não na configuração relacional mais complexa que envolve ambos os pais. Apresenta perturbações nas dimensões cognitiva, afectiva e interpessoal, que se constituem na relação afectiva primária. Dimensões como a confiança, a possibilidade de tolerar a frustração e a capacidade de espera, bem como a capacidade de se sentir bem, quer quando se está só, quer em situações de intimidade. Tendo como pano de fundo a personalidade infantil, podem ocorrer expressões sintomáticas variadas, como a depressão (depressão anaclítica), ou os seus equivalentes depressivos, comportamento anti-social, abuso de substâncias e queixas somáticas. Os vários sintomas expressam uma necessidade oral importante,

constituindo tentativas primitivas de busca de gratificação, podendo o indivíduo através deles, evitar sentir-se rejeitado, desamparado, fraco e desprotegido. São manifestações de sentimentos de não ser amado e cuidado, de se sentir rejeitado e da raiva que daí advém.

8. AS PSICOPATOLOGIAS DA CONFIGURAÇÃO INTROJECTIVA

Os indivíduos com psicopatologias dentro da configuração introjectiva partilham uma preocupação excessiva com a autonomia, auto-controlo, valor próprio e identidade, podendo a culpa, a desvalorização e agressividade estar presentes. A paranóia¹, a perturbação obsessivo-compulsiva, a depressão introjectiva e o narcisismo fálico apresentam semelhanças fundamentais nos conflitos, defesas e estilo interpessoal, apesar de existirem também diferenças óbvias. Constituem todas elas, respectivamente da mais primitiva à mais evoluída, tentativas distorcidas de definir um sentido do *self*. O interesse centra-se sobretudo nas coisas e não nas pessoas, "nos pensamentos e realizações... e não nos sentimentos e relações" (Blatt, 1990). Há pouca espontaneidade e afecto e o ênfase é colocado no controlo e no poder. A preocupação central tem a ver com a assertividade e não com a ligação afectiva, com o estabelecimento da identidade e não com a partilha. As perturbações nesta configuração estão claramente inter-relacionadas, apresentando a maioria dos pacientes, características dessas várias perturbações. Os pacientes podem funcionar predominantemente num determinado nível mas também regredir ou progredir em função de circunstâncias várias (Blatt, 1990, 1991, 1995; Blatt & Schichman, 1983).

Pode haver grande variação na expressão sintomática dentro da configuração introjectiva. Um paciente pode, por exemplo, expressar as suas preocupações com o valor próprio numa

¹ De referir que Blatt, curiosamente, postula a paranóia como uma perturbação que se situa ainda no espectro neurótico, embora a considere num nível primitivo, próxima da patologia *borderline*.

depressão introjectiva sem que haja regressão, ou alternar entre a internalização da culpa na depressão e a projecção dessa mesma culpa, na paranóia. Na paranóia, existe uma preocupação constante em manter um sentido do *self* como separado, sendo o *self* definido, não internamente, mas por contraste com os outros. O obsessivo-compulsivo está sobretudo preocupado em estabelecer a autonomia e o controlo.

Nos níveis mais elevados da configuração introjectiva, verifica-se uma constante auto-punição e a existência de dúvidas e auto-crítica, resultantes de introjectos implacáveis, hostis e críticos. Na depressão introjectiva, é a internalização de um sistema de valores parentais num super-eu punitivo e exigente, que conduz a sentimentos de culpa, e vergonha. De forma a evitar julgamentos internos, as experiências de prazer são restritas. Por outro lado, um forte sentimento de desvalorização e inferioridade condiciona em grande parte a capacidade de estabelecer relações interpessoais de qualidade (Blatt, 1974).

Uma patologia alternativa à depressão introjectiva é o narcisismo fálico, em que se verifica uma sobrevalorização do *self* e do seu poder, capacidade e atractividade. Há pouca preocupação com os outros, que servem sobretudo para engrandecimento do próprio. As relações afectivas têm, muitas vezes, um componente de agressividade e de frieza.

Todas as patologias do espectro introjectivo partilham uma semelhança relativamente aos mecanismos defensivos. Em todas elas são usados mecanismos do tipo neutralizante, variando, no entanto, no seu grau de primitividade e efectividade. Num nível mais primário, predominam as defesas de tipo paranóico, como a projecção. Num nível intermédio, as defesas tipicamente obsessivo-compulsivas – isolamento, formação reactiva e intelectualização –, têm como objectivo manter o controlo e não externalizar impulsos inaceitáveis. Num nível superior, na depressão introjectiva e no narcisismo fálico, as defesas utilizadas - a internalização (da culpa), a identificação com o agressor, a sobrecompensação e a racionalização - são mais aloplásticas e permitem uma interacção mais realista com o ambiente (Blatt & Shichman, 1983).

9. NOTAS FINAIS

São habitual e fundamentalmente relações inconsistentes, rejeitantes, de privação, imprevisíveis, ou hiperprotectoras com as figuras significativas, que se associam com a estruturação da patologia na linha anaclítica, ao passo que a patologia da configuração introjectiva resulta, em princípio, de um relacionamento com um objecto controlador, intrusivo, punitivo e crítico. A representação parental pode confundir-se com o *self*, e pode limitar o desenvolvimento de um sentido de independência.

Apesar dos quadros psicopatológicos se organizarem sobretudo à volta de uma das duas configurações, frequentemente encontram-se pacientes com características de ambas as configurações (Blatt, 1990).

A distinção entre duas configurações psicopatológicas básicas aplica-se também às patologias psicóticas e *borderline* e não apenas à patologia neurótica. Podem distinguir-se dois tipos de pacientes *borderline*, um tipo mais anaclítico e um tipo mais introjectivo (Blatt & Shichman, 1983; Meissner, 1978). Dentro da esquizofrenia, existem diferenças entre um tipo paranóide e um tipo não paranóide. Os não paranóides apresentam as características difusas e amorfas da psicopatologia anaclítica, ao passo que, nos esquizofrénicos paranóides, é visível um funcionamento fragmentado, rígido e parcial, típico da patologia introjectiva (Blatt & Shichman, 1983; Blatt, Wild & Ritzler, 1975).

Uma das maiores implicações da perspectiva teórica descrita relaciona-se com o facto de as diferentes formas de psicopatologia poderem ser vistas, não como entidades nosológicas independentes e isoladas, mas como "modos interrelacionados de adaptação, organizados em níveis de desenvolvimento diferentes, dentro de duas configurações básicas que focam as relações interpessoais ou a auto-definição" (Blatt, 1990,). O esboço das linhas de desenvolvimento anaclítica e introjectiva, proporciona uma estrutura teórica que permite integrar uma gama variada de expressões sintomáticas apenas em duas configurações básicas (Blatt & Shichman, 1983).

A distinção entre uma preocupação excessiva com o relacionamento e uma preocupação excessiva com a auto-definição, ou entre duas configurações de psicopatologia, é importante, não apenas para o estudo da psicopatologia mas também para o processo terapêutico. Os pacientes, excessivamente preocupados com questões do relacionamento (anacríticos) e os pacientes excessivamente preocupados com a auto-definição (introjectivos) mudam de forma diferente e respondem diferencialmente a diferentes tipos intervenção terapêutica.

As mudanças clínicas em pacientes anacríticos manifestam-se sobretudo na qualidade das relações interpessoais. As mudanças nos introjectivos ocorrem sobretudo ao nível da intensidade da expressão sintomática e na qualidade dos seus processos cognitivos. As mudanças nos pacientes anacríticos tendem a ser lentas e sutis, enquanto nos pacientes introjectivos são mais rápidas e manifestas. Por outro lado, os pacientes anacríticos tendem a beneficiar mais com psicoterapias de face-a-face, expressivas e de apoio, enquanto os pacientes introjectivos tendem a beneficiar mais com a psicanálise (Blatt, 1990, 1991, 1995; Blatt & Blass, 1992, 1996).

ABSTRACT

In this work we present the most important aspects of Sidney Blatt's theory of normal and pathological personality development. We describe shortly and comprehensively some aspects: the integration of relatedness and self-definition dimensions in a developmental model and the reformulation made by Blatt of Erikson's model, the characteristics of the anacritic and introjective personality styles, the development, and disturbances of cognitive-affective structures and also

the characteristics of individuals with pathologies in the anacritic and in the introjective configurations.

Key-words: *Synthesis; Theoretical perspective; Sidney Blatt; Personality development; Psychopathology.*

BIBLIOGRAFIA

- Blass RB, Blatt SJ. Attachment and separateness: A theoretical context for the integration of object relations theory with self Psychology. *Psychoanalytic Study of the Child* 1992; 47: 189-203.
- Blass RB, Blatt SJ. Attachment and separateness in the experience of symbiotic relatedness. *Psychoanalytic Quarterly* 1996; 65: 711-746.
- Blatt S. Levels of object representation in anacritic and introjective depression. *Psychoanalytic Study of the Child* 1974; 29: 107-157.
- Blatt SJ. Interpersonal relatedness and self-definition: Two primary configurations and their implications for psychopathology and psychotherapy. In J. L. Singer (Ed.), *Repression and dissociation: Implications for personality theory, psychopathology, and health* (p. 299-335). Chicago: University of Chicago Press, 1990.
- Blatt SJ. A cognitive morphology of psychopathology. *The Journal of Nervous and Mental Disease* 1991; 179(8): 449-458.
- Blatt SJ. Representational structures in psychopathology. In D Cicchetti & SL Toth (Ed.), *Emotion, Cognition, and Representation* (p. 1-33). Rochester Symposium on Developmental Psychopathology, 1995.
- Blatt SJ, Blass RB. Attachment and separateness: A dialectic model of the products and processes of development throughout the life cycle. *Psychoanalytic Study of the Child* 1990; 45: 107-127.
- Blatt SJ, Blass RB. Relatedness and self-definition: Two primary dimensions in personality development, psychopathology, and psychotherapy. In JW Barron, MN Eagle, DL Wolitzky (Ed), *Interface of Psychoanalysis and Psychology* (p. 399-428). Washington, DC: American Psychological Association, 1992.
- Blatt SJ, Blass RB. Relatedness and self-definition: A dialectic model of Personality Development. In GG Noam, KW Fischer (Ed), *Development and Vulnerabilities in Close Relationships* (p. 309-338). Hillsdale, New Jersey: Erlbaum 1996.
- Blatt SJ, Cornell CE, Eshkol E. Personality style, differential vulnerability, and clinical course in immunological and cardiovascular disease. *Clinical Psychology Review* 1993; 13: 421-450.
- Blatt SJ, Lerner H. Psychodynamic perspectives on personality theory. In M Hersen, AE Kazdin, AS Bellack (Ed), *The Clinical Psychology Handbook* (p. 87-106). New York: Pergamon Press, 1983.
- Blatt SJ, Shichman S. Two primary configurations of psychopathology. *Psychoanalysis and Contemporary Thought* 1983; 6(2): 187-254.
- Blatt SJ, Wild CM, Ritzler BA. Disturbances of object representations in schizophrenia. *Psychoanalysis and Contemporary Science* 1975; 4: 235-288.
- Guisinger S, Blatt SJ. Individuality and relatedness: Evolution of a fundamental dialectic. *American Psychologist* 1994; 49(2): 104-111.
- Meissner WW. Notes on the potential differentiation of border-line conditions. *International Journal of Psychoanalytic Psychotherapy* 1980; 9: 3-49.